

mudar
a



vida

publicação do graal

1.

JANEIRO 1978

- *um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo*
- *um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade*
- *um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos*

A ÚNICA MUDANÇA REAL

Maria de Lourdes Pintasilgo

ESTRUTURAS OU MENTALIDADES?

De todos os lados nos vem o convite à estabilidade, à segurança, ao já conhecido, aos terrenos firmes, ao ideal entrevisto. Por todos os meios nos atrai e nos paraliza o mito do eterno retorno. Transformações à nossa volta? Sem dúvida, desde que elas nos conduzam aos lugares certos que escolhemos, aos caminhos previsíveis que antevemos. Modificações em nós mesmos? Sem dúvida, desde que elas nos conduzam ao eu ideal que imaginámos, à imagem de nós próprios que, ao longo dos anos, cuidadosamente forjámos.

Deixamos assim de longe a única via pela qual horizontes novos se podem rasgar: aquela em que escolhemos percorrer o próprio trilho da mudança. E quando digo que escolhemos percorrer esse trilho, não estou a imaginar um caminho linearmente percorrido em qualquer bólide à prova de bala. Pelo contrário, no caminho da mudança, seremos ossos encharcados debaixo da chuva, seremos gestos descontrolados nas areias movediças, seremos passos indecisos a contornar rochas de granito.

Quantas vezes falámos de mudança de estruturas e de instituições, opondo essa mudança, numa espécie de antinomia inevitável, à mudança de mentalidades, que queríamos ter visto operar, pela obra mágica do nosso verbo e das nossas incitações, para concluirmos (pacificante conforto!) que nada se podia fazer sem que mudassem as estruturas. Quando, finalmente, as estruturas nos vieram parar às mãos verificámos que não éramos senão aprendizes de feiticeiro: não as soubemos dismantelar porque não conhecíamos as engrenagens escondidas; não as pudemos reorganizar por-

que não tínhamos alternativa viável a opôr à sua gigantesca irracionalidade; não as pudemos deixar cair como mero anacronismo da história, porque não tínhamos delineado o projecto das estruturas novas que as substituiriam, superando-as e anulando-as. E quando reconhecemos que o aparelho institucional se agitou, tremeu, mas permaneceu inalterável nos seus vícios, na sua burocracia e na sua inutilidade, disse-mo-nos então que o que importa é mudar as mentalidades!

Esquecemos que não há mentalidade nem pensamento que não suponha uma corporização, uma forma, um molde, um esteio. Assim, dizer uma mentalidade é, ao mesmo tempo, conceber a estrutura que adequadamente a traduz e lhe dá vida; reciprocamente, conceber estruturas que não sejam portadoras duma ideia, duma concepção, duma mentalidade, é torná-las, à partida, inoperantes. A antinomia criada não vem, assim, senão perpetuar a fácil separação entre a matéria e o espírito: matéria das estruturas, espírito das mentalidades. Ora é mais que tempo de deixar cair tal separação. Que é o espírito, se se não exprime na palavra, no gesto, no edifício construído, no plano girado, nas coisas reorganizadas, em última instância, no Verbo feito carne? E que é, por seu lado, a estrutura se não decorre de uma centelha, se não encarna um pensamento, se não é portadora duma concepção que transcende o imediato das coisas, dos objectivos, das pessoas?

Não me parece, por isso, fazer hoje sentido falar duma ou doutra mudança. A contradição que entre elas estabelecemos é superada no acto que, simulta-

neamente, abala a estrutura e renova a mentalidade: o acto que **muda a vida**. Então o que penso cria o edifício que dá consistência ao meu pensamento, para, logo em seguida, esse edifício, essa estrutura criada me obrigar a uma nova reflexão, a uma nova maneira de encarar as coisas, a uma nova percepção do mundo. Nessa nova percepção surgirá a pequena chispa ou a grande iluminação que, por seu turno, revelará o caduco do que acabara de criar e, desmantelando o existente, revelará algo de radicalmente novo. E assim por diante. A vida transforma-se então numa espantosa aventura e em nós cresce a força que o profeta certamente sentiu quando Deus lhe disse: «Eis que hoje te dou poder sobre as nações e sobre os reinos para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres, para edificares e plantares». (Jer. 1, 10).

Passageiras são as estruturas, plasmáveis são as mentalidades. Por entre o efeito mecanicista de umas nas outras (mentalidades obscurecidas por estruturas anquilozadas; estruturas inoperantes por mentalidades embrutecidas) brota a esperança duma outra relação, que outra não é senão o dinamismo da própria vida. Por isso a grande empresa não é o plano pensado e repensado, a estrutura gigantesca que, com os seus tentáculos, tudo vai abafar, nem a mentalidade renovada, adaptada, ajustada, conformada. **A grande empresa é mudar a vida**. Mudar as estruturas mudando-nos. Mudar o olhar que pomos nas coisas e com ele fazer nascer novas possibilidades de relação, de acção, de organização. Por isso, viver é seguir o processo universal da evolução biológica — deixar que se desintegram os agregados das células criadas e que, em seu lugar, apareçam novos contornos, novas trocas de energia, novos modos de comungar nos elementos essenciais da vida.

Pois que caíam as estruturas, e se pudermos ajudar a desmantelá-las teremos ajudado a que a vida cresça; mas que elas caíam por obsoletas, porque em seu lugar, no espaço aberto que é o mundo da criação, já o nosso pensamento e as nossas mãos criaram, estruturando-a, a verdade do hoje que melhor serve os homens e que melhor torna visível o movimento de Deus na História. Pois que mudem as mentalidades;

mas não por mimetismo simiesco de qualquer última moda, antes porque o horizonte novo, ao revelar novos vales e montanhas, nos situa diferentemente, nos sugere novas imagens, nos obriga a uma síntese, nos dá um impulso para uma nova maneira de ser e de estar.

E não se pense que é apenas ao nível da super-estrutura que tal mudança se opera. Olhando à nossa volta e em nós mesmos damos-nos conta de que, mesmo quando aceitamos a mudança teórica de normas e valores, ficamos, por vezes, perplexos quando nos confrontamos com a mudança de costumes e experiências; e quando, pelo contrário, ousamos aventurar-nos em experiências novas, somos muitas vezes incapazes de reconhecer a novidade dos valores de que essas experiências decorrem.

Tocamos aí uma mais entranhada dicotomia entre a matéria e o espírito. Julgávamos que os valores atravessariam incólumes todas as fases da existência, numa concepção essencialista da vida. Pensávamos que as experiências eram latias da existência que podíamos recortar sem que, no fundo, nada se modificasse. Esquecemos, afinal, que os valores são sempre a imanência dos comportamentos e das experiências e que as experiências e os comportamentos são a linguagem, a pulsão, a obrigatoriedade inconsciente a que nos conduzem os valores, muitas vezes apenas intuídos e ainda não elaborados. Por isso não faz sentido partirmos à procura de novos valores, refugiarmo-nos numa interpretação globalista da vida, se não vamos temperando, clarificando e dando forma quotidiana a esses valores, no comportamento e na experiência. Tão pouco vale a experiência que não integra o seu **porquê** e o seu **para onde** e se limita à cómoda situação do **como**.

Também aqui a dicotomia só é superada se nos sentirmos simultaneamente fazedores de valores e criadores de experiências, capazes de fundirmos num só acto as normas e o comportamento. **Mudar a vida** é esboçar em cada momento os novos valores e suscitar as condições de experiência que os tornam reais; é captar na experiência a que a história nos conduz os valores insuspeitados, desconhecidos ou ignorados.

REVOLUÇÃO SEM ESPECTÁCULO

Onde estão os verdadeiros revolucionários? Estão onde se faz a revolução. Mas o que é então a revolução? É mudar os fundamentos.

Inútil dizer que se trata de uma tarefa pouco visível: a verdadeira revolução passa-se na cave. Pouco popular, pouco conhecida, conduzida geralmente por solitários, ou melhor, por algumas equipas atarefadas e ignoradas.

Convém não confundir a revolução com o teatro da revolução, como não convém confundir a fé com o teatro da religião, a filosofia com os seus professores, ou a psicanálise com a sua literatura.

No teatro da revolução, os actores declamam sobre a cena, o público assobia, aplaude, participa, e toda a sala se converte em espectáculo.

Quando se trata da revolução (ou talvez seja melhor chamar-lhe outra coisa), quando se trata da mudança que transforma o mundo, não há espectáculo.

Maurice Bellet
in «Le lieu du combat»
Desclée, Paris 1976

MUDAR A SOCIEDADE E MUDAR A IGREJA

Que tem tudo isto a ver com a sociedade e a Igreja de que somos parte?

Ao ultrapassar as dicotomias que apontámos, abandonamos, finalmente, o confortável «posto de observação» donde nos é fácil fazer análises críticas de fenómenos, acontecimentos ou crises, para nos descobrirmos parte integrante da sociedade e da Igreja que são o próprio objecto da nossa observação. Descobrimo-nos engrenagem da estrutura montada, sustentáculo da mentalidade dominante, portadores dos valores reinantes, agentes das experiências realizadas. Reconhecemos que somos sujeitos actuantes (ao menos potencialmente) das células sociais em que estamos integrados, que fazemos corpo com a realidade em que vivemos, que somos elemento constitutivo dessa realidade. Apercebemo-nos de que estamos na sociedade e na Igreja não como pássaro poisado por acaso no ramo e que um golpe de asa pode distanciar da árvore que o acolhe, mas como ramo ou folha, tronco ou haste.

Parece talvez evidência milenária o que estou afirmando. E é-o no seu sentido profundo. Na verdade, como pode o homem que trabalha a terra, que lhe lança a semente, que amorosa e penosamente a cuida, que lhe espreita os frutos, distanciar-se dela como se não lhe pertencesse, como se o acaso de qualquer movimento estelar o tivesse de repente depositado no chão que pisa?

O que se passa é que o homem deste fim de século está muito longe da terra que julga dominar. Por isso cria separação onde há simbiose, distância onde há coincidência de lugar. Basta escutarmos atentamente o que se diz (o que o outro, o que eu, dizemos) para nos darmos conta de que todos virámos de repente espectadores da história, no seu duplo movimento de história

dos homens e de história de Deus. Falamos com os dirigentes políticos — e ei-los que analisam a situação, olham o tabuleiro de xadrez, prevêm e desfazem as jogadas, como se o poder lhes não dissesse respeito. Lemos os comentadores e pensadores — e damos com eles a pensarem sobre o pensamento dos outros, como se não fosse sua tarefa pensar originalmente. Falamos com funcionários, professores, trabalhadores de sectores bem diversos — e de todos ouvimos a queixa de que não se trabalha, não se decide, não se controla, como se não lhes coubesse trabalhar, decidir, construir. Falamos com outros cristãos — e espera-nos um discurso sobre as vicissitudes da Igreja, como se a Igreja não fôssemos nós, todos e cada um, pedras vivas do templo de que só Jesus Cristo é a pedra angular.

Em tudo isto, há uma inacreditável dicotomia entre **eu** que julgo e a sociedade e a Igreja que são objecto do meu juízo. Ora tal dicotomia é cientificamente inaceitável. Pois se até nos fenómenos aparentemente mais objectivos — aqueles que se passam na matéria que se convencionou chamar de inanimada — até aí, o sujeito não é independente do fenómeno que observa, como conceber a separação sujeito/objecto quando está em causa a inserção nos organismos vivos de que somos parte?

Toda a análise que não conduz à nossa própria auto-análise corre o risco de ser impotência disfarçada, medo interiorizado, refúgio apaziguante da culpabilidade recalcada. **Eu-na-sociedade, eu-na-Igreja** é o único ponto de partida possível para a percepção do movimento da história e para a contribuição pessoal para esse movimento. De fora, é possível cristalizar imagens, mas não é possível recriá-las. A identificação é condição, não só ética mas técnica, para que a mudança que desejamos ver operada se processe, inscrevendo-se na nossa própria dinâmica de mudança.

Mudar a sociedade é, seguramente, entender as correlações de forças, perceber os nós de articulação

O DECISIVO É O ESCONDIDO

O que é então decisivo?

O que é proclamado evidente? O que toda a gente sabe, o que é urgente, o que passa antes de tudo?

Ou o que toda a gente esquece, o que está escondido, mesmo nas palavras que dele falam?

O decisivo, é o escondido. E quando o escondido se converte em assunto de que toda a gente fala, em contestação evidente, em tema proclamado e declarado por todos urgente... é porque deixou de ser decisivo e o verdadeiro decisivo está de novo escondido.

Se se pensa que o nó do problema está na economia, é porque está noutra lugar. Se se diz que é de ordem psíquica, da ordem das relações e da sua análise, é porque é outra coisa. E se se fala do espiritual, do religioso, do metafísico, é melhor lançar os olhos para o lado da libido e do comércio.

Mesmo quando está naquilo de que se fala, está para além disso, de outra maneira. Está escondido pelas próprias palavras que o pretendem revelar, por aquilo mesmo que o pretende pôr a nu na praça pública. Nunca Deus está tão ausente como quando a fé se converte em evidência e as coisas da fé tomam lugar entre outras coisas. A libido nunca é tão secreta como quando as pessoas falam de psicanálise. A repressão e o conflito pelo poder nunca são tão ferozes como entre as pessoas que estão no poder em nome da igualdade entre os homens.

O decisivo, é o escondido.

Maurice Bellet
Ibidem

das instituições, e em face de tal compreensão, propôr o projecto global, ter a visão do possível, criar, mesmo em esboço, a alternativa desejada. Mas é também procurar que **eu-na-sociedade** assuma expressões novas, maneiras viáveis, relacionamentos diversos, construções inéditas, experimentação empenhada. Só posso mudar a sociedade mudando-me com ela, criando nela o espaço onde consigo ser, respirar, trabalhar, amar, pensar, do modo diferente por que anseio.

COMO O SAL MUDA A TERRA...

Pergunto-me — suspeita? hipótese? juízo errado? — se a nossa visível incapacidade colectiva de mudarmos a sociedade não tem alguma coisa a ver com a nossa invisível incapacidade individual de mudarmos com ela.

E pergunto-me se não está aqui, para aqueles que nos dizemos cristãos, o apelo mais forte deste tempo à nossa identidade. Pois não é certo que o Evangelho nos convida a sermos «o sal da terra»? Não nos diz que façamos isto ou aquilo, que transformemos a sociedade e a Igreja por uma qualquer acção mágica, que pontifiquemos sobre os males e os erros que detectamos nas grandes comunidades de que somos parte. Diz-nos, sim, que **sejamos** de outra maneira. Diz-nos que lhes demos sabor! E que será isso senão o gosto que vem das coisas que nos satisfazem, o sabor acentuado de cada acontecimento, de cada instituição, de cada perspectiva que se abre?

Para tanto, é importante pensarmos, agirmos, traba-

lharmos, planearmos, executarmos. Mas nisso tudo é, antes de mais, necessário **sermos**, gostosamente, imaginativamente, criativamente. É necessário, em cada etapa, perante novos momentos e condições, **sermos de outra maneira**, diluindo-nos como o sal na terra que queremos saborosa e apetecível para todos os homens e para cada homem. Afinal, duas exigências éticas bem tradicionalmente cristãs: por um lado, ultrapassar a passividade com que nos deixamos conduzir numa sociedade e numa Igreja estáticas, tornando-nos livres para seguirmos Cristo em cada uma das suas passagens no meio da multidão que somos; por outro lado, aceitar a fundamental pobreza da diluição, da transparência e da revelação de nós próprios no tecido humano da sociedade e da Igreja.

Pede-nos, pois, o Evangelho que deixemos o refúgio do discurso das superestruturas para nos entregarmos ao campo aberto da concreta e quotidiana realidade, fazendo corpo com ela; que abandonemos de uma vez as trincheiras com que nos defendemos para — com erros e falhas e omissões e linhas tortas ou quebradas — percorrermos os caminhos que temos de ir inventando; que recusemos o lugar cómodo de espectadores, a que afinal nos conduzem as nossas sucessivas críticas e análises, para metermos as mãos na massa, experimentando o que fomos capazes de convictamente tecer e construir.

E aí está o nosso programa... Mudar as estruturas, as mentalidades, os valores, as experiências, a sociedade, a Igreja — mudar tudo, mudando também a nossa vida. Não é isso, numa palavra, ser «sal da terra»?

CORTAI AS AMARRAS

São duras as palavras do Mestre. Palavras directas, inequívocas:

— *Se o tempo vos falta, abandonai o vosso emprego, trabalhai a meio tempo, vivei do subsídio de desemprego, vivei modestamente. Se os amigos vos retêm, rompei com vossos amigos. Se a família vos absorve, tornai-vos selvagens e solitários. Se o dinheiro vos domina, abandonai-o, fugi dele como da peste. Se as vossas ideias, a vossa inteligência, a vossa sabedoria, vos impedem de deixar o porto, cortai as amarras, tornai-vos insensatos e loucos.*

*Olhámos, uns para os outros, consternados!
Tereis então que abandonar o meu amigo?
Tereis de renunciar à casa sonhada?
Tereis de vender o meu carro?
Tereis de me tornar inimigo dos meus?*

Na face do Mestre vimos — coisa rara — sinais de impaciência.

— *Mas quem vos manda continuar à espera que eu vos puxe pelas rédeas, que eu vos dê as minhas ordens? Não compreendeis que o importante é estardes preparados para fazer o que vos espera, despidos de fardos para acorredes ligeiros ao lugar do combate, suficientemente livres para não cederdes à tentação de voltar para trás? Não sois vós suficientemente fortes para escolherdes o caminho por vós mesmos?*

*Maurice Bellet
Ibidem*